

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (IM) SIVERIO LUIZ CARVALHO DE SOUZA

**AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE DA CRIMEIA NO SISTEMA
INTERNACIONAL MODERNO:
Um Estudo Aplicado à Organização do Tratado do Atlântico Norte**

Rio de Janeiro

2024

CC (IM) SIVERIO LUIZ CARVALHO DE SOUZA

**AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE DA CRIMEIA NO SISTEMA
INTERNACIONAL MODERNO:
Um Estudo Aplicado à Organização do Tratado do Atlântico Norte**

Monografia apresentada à Escola de
Guerra Naval, como requisito parcial
para a conclusão do Curso Superior.

Orientador: CMG (RM1) ALEXANDRE
ROCHA VIOLANTE

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a conclusão deste trabalho acadêmico.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por ter me guiado com serenidade e sabedoria nesta jornada.

Aos meus pais, Luiz José de Souza e Rita de Cássia Carvalho Souza, pelo amor, carinho e dedicação.

Aos meus irmãos, Lair, Júnior (*in memoriam*) e Lílian, pela confiança depositada.

À minha esposa, Alessandra, e aos meus filhos, Alexsandro Carlos e Alysson Gabriel, pelos momentos de ausência, mesmo estando presente, e pelo apoio irrestrito.

Ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra da Reserva Remunerada Alexandre Rocha Violante, pela sabedoria, simplicidade e paciência com que conduziu este trabalho.

Aos meus amigos e colegas do curso, que tanto me ajudaram.

Por fim, agradeço à Escola de Guerra Naval, seus oficiais e praças, por me proporcionarem todo o apoio necessário para meu crescimento profissional e intelectual.

“A guerra é uma coisa tão natural para o homem quanto a paz.” (Montaigne)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as mudanças no Sistema Internacional Moderno, especificamente no período pós-crise da Crimeia, em 2014. Para alcançar o objetivo proposto, por meio de pesquisa bibliográfica e análise de dados, o estudo relata as transformações em curso. A fundamentação teórica destaca as principais teorias das relações internacionais, com ênfase nas Teorias do Liberalismo e do Realismo; as interpretações dessas teorias para a Crise da Crimeia; e o histórico da Organização do Tratado do Atlântico Norte, com foco nas estratégias adotadas. Na fase de análise, foram examinados os dados pós-2014 e realizadas interpretações das recentes transformações na Organização do Tratado do Atlântico Norte. As análises e interpretações dos dados corroboram três mudanças recentes na organização, a saber: 1) A aliança aprovou um novo Conceito Estratégico, estabelecendo como principais tarefas dissuasão e defesa; prevenção e gestão de crises; e segurança cooperativa; 2) Continuidade da expansão da aliança para a área de influência da Rússia, estabelecendo um "cinturão" de proteção da Europa contra aquele país. Essa expansão foi acompanhada pelo aumento de unidades militares nessas áreas e pela intensificação de exercícios militares; e 3) Aumento dos gastos em defesa, com a aliança representando mais da metade dos gastos mundiais em defesa.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Realismo. Gastos Militares.

ABSTRACT

The Consequences of the Crimea Crisis on the Modern International System: A Study Applied to the North Atlantic Treaty Organization

The present work aims to analyze the changes in the Modern International System, specifically in the post-Crimea crisis period in 2014. To achieve the proposed objective, through bibliographic research and data analysis, the study reports the ongoing transformations. The theoretical foundation highlights the main theories of international relations, with an emphasis on Liberalism and Realism theories; the interpretations of these theories regarding the Crimea Crisis; and the history of the North Atlantic Treaty Organization, focusing on the strategies adopted. In the analysis phase, post-2014 data were examined, and interpretations of recent transformations in the North Atlantic Treaty Organization were made. The data analyses and interpretations support three recent changes in the organization, namely: 1) The alliance approved a new Strategic Concept, establishing deterrence and defense; crisis prevention and management; and cooperative security as its main tasks; 2) Continuation of the alliance's expansion into Russia's sphere of influence, establishing a "belt" of protection for Europe against Russia. This expansion was accompanied by an increase in military units in these areas and intensified military exercises; 3) Increase in defense spending, with the alliance accounting for more than half of global defense expenditures.

Keywords: International Relations. Realism. Military Expenditures.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa dos membros da OTAN na Europa.....	29
Gráfico 1 –Gastos militares no mundo – 1990-2023 (Em US\$ trilhões de 2022).....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação dos gastos militares das 11 maiores economias do mundo em 2022, nos anos de 2014 e 2023 (Em US\$ bilhões de 2022).....	33
Tabela 2 – OTAN – Comparação dos gastos militares acima de 2% do PIB, nos anos de 2014 e 2023.....	34
Tabela 3 – OTAN – Participação nos gastos militares do mundo no ano de 2023 (Em US\$ bilhões de 2022).....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EGN	–	Escola de Guerra Naval
EUA	–	Estados Unidos da América
IFOR	–	Força de Intervenção
MB	–	Marinha do Brasil
ONU	–	Organização das Nações Unidas
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PfP	–	Parceria para a Paz
PIB	–	Produto Interno Bruto
RI-MB	–	Repositório Institucional da Produção Científica da Marinha do Brasil
SFOR	–	Força de Estabilização
SIPRI	–	Instituto internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo
URSS	–	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	TEORIAS DO SISTEMA INTERNACIONAL MODERNO.....	13
2.1	TEORIA DO REALISMO (NEORREALISMO).....	14
2.2	TEORIA DO LIBERALISMO (NEOLIBERALISMO).....	16
2.3	EXPLICAÇÕES TEÓRICAS PARA A ORIGEM DA GUERRA RÚSSIA- UCRÂNIA.....	19
2.3.1	Neoliberalismo e a causa interna do conflito.....	19
2.3.2	Neorrealismo e o ocidente como causa do conflito.....	20
3	ANÁLISE HISTÓRICA DA OTAN.....	21
3.1	ORIGEM DA OTAN E CONCEPÇÃO DE SEGURANÇA COLETIVA.....	21
3.2	OTAN DO PÓS-GUERRA FRIA ATÉ O CONFLITO DA CRIMEIA.....	23
4	TRANSFORMAÇÕES NA OTAN PÓS-CRISE DA CRIMEIA.....	26
4.1	NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA OTAN DE 2022.....	27
4.2	EXPANSÃO DA OTAN PARA FRONTEIRAS COM A RÚSSIA.....	28
4.3	AUMENTO DOS GASTOS MILITARES.....	31
5	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICES.....	41
	ANEXO	44

1 INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria representou um período de hegemonia para os Estados Unidos da América (EUA) e seus aliados europeus. Assim, muitos estudiosos e formuladores de políticas acreditavam que os conflitos globais, envolvendo duas ou mais potências do planeta, estariam superados, demonstrando certo otimismo.

Contudo, no ano de 2014, o conflito da Crimeia, ocasionou um cenário de mudanças, que culminou com a guerra Rússia-Ucrânia, em 2022.

Face à posição geopolítica dos países envolvidos no conflito (Ucrânia-Rússia), aliada a possibilidade de expansão das hostilidades para outras áreas do continente europeu, especialmente para membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a guerra na Ucrânia constitui-se potencialmente como um “evento estrutural”, ou seja, evento que tem o potencial de transformar estruturas de longo prazo no sistema internacional, ocasionando mudanças latentes (Loureiro, 2022).

Assim, o conflito da Rússia com a Ucrânia tem grande importância, porque existem riscos de uma guerra generalizada, envolvendo a possibilidade do uso de armas nucleares, além da participação direta do Ocidente (OTAN), podendo ocasionar uma reorganização geopolítica mundial (Fernandes e Silveira, 2023).

Diante da nova dinâmica geopolítica, aparece a seguinte pergunta: Quais as consequências da Crise da Crimeia nas ações da OTAN?

Assim, a pesquisa tem o objetivo geral de analisar as mudanças da OTAN no pós-Guerra Fria, especificamente no período pós- crise da Crimeia, em 2014.

Para consecução desse objetivo, o trabalho tem como objetivos específicos discutir as principais teorias de relações internacionais, que interpretam as relações no Sistema Internacional Moderno, além de apresentar e discutir a evolução histórica da OTAN.

Dentro da temática da Geopolítica no pós-Guerra Fria, a pesquisa está delimitada no espaço e no tempo.

Em relação ao espaço, são estudadas as transformações estratégicas ocorridas na OTAN, com ênfase nas maiores economias do bloco.

Quanto ao tempo, está delimitado no período posterior ao conflito da Crimeia (Pós-2014), que culminou com a guerra Rússia-Ucrânia, em 2022.

O trabalho se justifica pela necessidade de compreender as mudanças na geopolítica mundial. Em razão disso, o estudo se reverte de importância para a Força Naval, porque procura estabelecer novas dinâmicas no sistema internacional e, por conseguinte, fornece subsídios para a manutenção ou acertos na atual estratégia naval para a Marinha do Brasil (MB).

A pesquisa pode ser classificada como de método misto. Segundo Gil (2002), existe a possibilidade de classificar um estudo como quantitativo e qualitativo.

Nesse contexto, procura descrever a influência do conflito da Crimeia na OTAN, bem como quantificar as principais mudanças na Organização.

Para consecução dos objetivos propostos, a metodologia aplicada constitui de dois eixos básicos que se completam: a pesquisa bibliográfica e a coleta com análise dos dados.

Na pesquisa bibliográfica, são realizadas consultas em materiais de autores especializados em Geopolítica e em relações internacionais, sendo dado enfoque nos autores que estudam as Teorias do Liberalismo e do Realismo.

A busca bibliográfica está fundamentada em livros e textos extraídos da internet, principalmente dos *sites* da Escola de Guerra Naval (EGN) e do Repositório Institucional da Produção Científica da Marinha do Brasil (RI-MB), além de outros periódicos especializados no tema.

Nessa fase da pesquisa procurou uma visão teórica sobre o problema apresentado e as respostas dadas pelas teorias de relações internacionais, principalmente a Teoria do Realismo.

Na coleta dos dados são utilizadas fontes secundários, como por exemplo, as disponíveis no sítio da OTAN e do Instituto internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (*Stockholm International Peace Research Institute - SIPRI*).

O SIPRI é uma organização que realiza pesquisas científicas relacionadas a conflitos militares. A base de dados de Despesas Militares do SIPRI fornece os gastos anuais com o setor militar dos países desde 1949, permitindo a comparação dos gastos (SIPRI, 2024). Essa organização é reconhecida mundialmente e utilizada por diversos institutos de pesquisa.

A análise de dados é realizada no trabalho de forma comparativa, tanto entre países, quanto em período de tempo. A comparação permite extrair maiores conclusões dos dados apresentadas, porque fornece referência.

A presente monografia é constituída de três capítulos, além dessa introdução e da conclusão.

No primeiro capítulo, faz-se uma revisão das teorias de relações internacionais, apresentando as principais teorias do Sistema Internacional Moderno, bem como as interpretações dessas teorias para as causas do conflito na Ucrânia. O capítulo fornece um embasamento teórico para compreender as transformações no Sistema Internacional Moderno, com ênfase na OTAN.

No segundo capítulo, analisa-se a evolução da OTAN, desde sua fundação até o período que antecedeu a Crise da Crimeia, em 2014. Essa análise é realizada observando a dimensão histórica da aliança e, depois, estratégica.

Esse segundo capítulo insere-se no estudo das relações internacionais como análise histórica. A periodização dos acontecimentos fornece subsídios para compreender a dinâmica atual.

No terceiro capítulo, a partir dos estudos realizados nos dois capítulos anteriores, são analisadas as recentes transformações na OTAN. Examinam-se as mudanças estratégicas da aliança, a fim de verificar as consequências da Crise da Crimeia.

Na conclusão, será realizada uma análise do trabalho e apresentada a resposta para a questão central da pesquisa.

2 TEORIAS DO SISTEMA INTERNACIONAL MODERNO

Na área das relações internacionais, as teorias e o arcabouço teórico são desenvolvidos para compreender e responder as causas dos eventos que acontecem no sistema internacional (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

Assim, no presente capítulo será apresentado o arcabouço teórico de relações internacionais que pode explicar os eventos atuais.

A seguir serão desenvolvidas as perspectivas teóricas do Realismo e do Liberalismo para entender os acontecimentos do Sistema Internacional Moderno.

Embora existam outras teorias que se opõem a essas, como a teoria construtivista, são as teorias realistas e liberais que predominam nas análises atuais (Silva, 2023).

2.1 TEORIA DO REALISMO (NEORREALISMO)

A Teoria do Realismo considera o sistema internacional como um local de luta por poder entre os principais atores, os Estados. Esse fato ocorre porque o sistema internacional não possui uma autoridade central, ou seja, trata-se de um sistema anárquico (Bugiato, 2023).

As raízes teóricas mais modernas do realismo podem ser encontradas na filosofia. Os filósofos concentravam os fundamentos da teoria do realismo principalmente na natureza humana.

No início do século XVI, o filósofo político italiano Nicolau Maquiavel (2010), em “O príncipe”, defendeu que o líder deve permanecer sempre atento a ameaças à sua segurança pessoal e ao Estado.

Maquiavel argumenta que os príncipes devem tomar iniciativas contra ameaças externas, por intermédio do uso hábil de alianças e de uma série de estratégias ofensivas e defensivas para proteger o Estado (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

Na análise de Maquiavel já se observa a perene ameaça externa aos Estados, sendo necessário pactos e planos para garantir sua soberania.

No final do século XVII, o matemático, teórico político e filósofo Thomas Hobbes, em “Leviatã”, defendeu que na ausência de um soberano internacional, há poucas regras capazes de parar os Estados, ou seja, a guerra seria permanente (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

O princípio básico dos teóricos realistas, que os Estados existem em um sistema internacional anárquico, foi articulado originalmente por Hobbes (2003). O autor definiu a premissa presente até hoje nos estudos de relações internacionais, a que não existe um regramento capaz de ordenar com segurança o sistema internacional, em virtude de ser um ambiente anárquico.

Em meados do século XX, Hans Morgenthau apresentou uma abordagem metodológica para a teoria realista. Morgenthau (2003 *apud* Mingst e Arrenguín-Toft, 2014) defendeu, em “Política entre Nações”, que a política internacional é caracterizada por uma disputa por poder, estando o Estado autônomo e unitário constantemente envolvido em lutas pelo poder, sendo, portanto, o embate permanente.

A abordagem metodológica apresentada por Morgenthau (2003) apresentou resultados práticos para a teoria realista, principalmente por fundamentar o equilíbrio de poder como forma eficaz para o embate permanente.

Assim, somente com uma equivalência de poder entre os Estados seria possível manter o sistema internacional distante dos conflitos, que são permanentes na visão de Morgenthau.

No final dos anos 1970, surge o neorrealismo (ou realismo estrutural), que procurou ser mais científico que o realismo clássico. Dessa maneira, observa-se a evolução técnica das análises dessa teoria.

Uma outra diferença na evolução histórica da teoria está no objeto de análise. Enquanto o realismo clássico focou exclusivamente nos Estados, o neorrealismo, embora também considere a importância dos Estados, analisa as estruturas do sistema internacional como um todo (Silva, 2023).

Nesse contexto, o realismo clássico entende o Estado como ator único de relevância no sistema internacional. Já o neorrealismo considera a relação do Estado em uma estrutura dinâmica.

Contudo, permanece no neorrealismo a principal premissa do realismo clássico, a de que o sistema internacional funciona de maneira anárquica, em que não há um poder supremo.

Dessa forma, os Estados temem ameaças uns dos outros, o que gera uma preocupação constante com a segurança. Essa situação ocasiona desequilíbrios de poder e fomenta corridas armamentistas, tensões e guerra (Bugiato, 2023).

Em relação aos autores do neorrealismo, Kenneth Waltz é considerado o pai dessa corrente. Waltz (1979) defende o efeito benéfico da balança de poder, porque estabilizaria o poder internacional.

Assim, quando uma determinada potência tem a possibilidade de tornar-se hegemônica, outras potências unem-se para evitar que se concretize, ocasionando um equilíbrio de poder (Silva, 2023).

Também John Herz (1950), em seu texto *“idealist internationalism and the security dilemma”*, argumentou que duas nações nunca conhecem com precisão as reais intenções uma da outra.

Esse fato ocasiona uma desconfiança entre países, causa da incerteza em um contexto anárquico do sistema internacional, onde os Estados têm apenas a si mesmos para se proteger dos outros, sem nenhuma autoridade central (Silva, 2023).

O autor neorrealista Mearsheimer (2001 *apud* Bugiato, 2023) enfatiza que os estados estão preocupados principalmente com o poder e buscam a hegemonia, por

ser a única maneira de garantir a segurança. Mearsheimer defende que a estrutura do sistema internacional cria estímulos para que os Estados busquem oportunidades de aumentar seu poder à custa de seus concorrentes (Bugiato, 2023).

Para Mearsheimer (2005 *apud* Moreira, 2017), o fator preponderante na manutenção do equilíbrio do sistema está no comportamento das grandes potências e não no sistema internacional como um todo.

Uma diferença do pensamento de Mearsheimer para os demais realistas e neorrealistas está na concepção do realismo ofensivo (2005 *apud* Moreira, 2017). Enquanto os outros teóricos, como Hans Morgenthau e Kenneth Waltz, assumem que Estados pretendem sobreviver (“realismo defensivo”), Mearsheimer, por intermédio da teoria estrutural do “realismo ofensivo”, entende que o objetivo definitivo dos Estados é a hegemonia do sistema, sendo a guerra até mesmo a primeira *ratio* para tal consecução (Moreira, 2017).

Em resumo, não há uma concepção única entre os teóricos realistas quanto às ações do Estado, cada qual atribui pressupostos e ideias centrais que norteiam a dinâmica do sistema internacional.

Contudo, o pressuposto teórico básico presente entre todos os estudiosos do realismo está na concepção de um sistema anárquico, onde o Estado procura se defender das ameaças externas que são constantes.

A conceituação da teoria realista servirá de base no trabalho para explicar o cenário atual.

2.2 TEORIA DO LIBERALISMO (NEOLIBERALISMO)

A Teoria do Liberalismo considera que os conflitos nas relações internacionais podem ser superados por intermédio da promoção em âmbito mundial do livre mercado, da democracia liberal, do respeito aos direitos humanos e da construção de instituições internacionais (Bugiato, 2023).

Assim, no entendimento do liberalismo, os problemas no sistema internacional estariam relacionados a instituições inadequadas, como por exemplos a corrupção ou ditaduras.

As raízes teóricas mais modernas do liberalismo podem ser encontradas no Iluminismo. Os pensadores concentravam a fundamentação na ideia da bondade do homem por natureza.

No século XVIII, o filósofo francês iluminista Montesquieu (1971 *apud* Mingst e Arrenguín-Toft, 2014) defendeu que a guerra é um produto da sociedade, não estando ligada à natureza humana. Desse modo, para superar os problemas da sociedade, a educação seria imprescindível, porque prepara as pessoas para a vida em sociedade (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

No mesmo período, Immanuel Kant (2020), em “A paz perpétua”, defendeu que uma constituição republicana tem a paz como resultado desejado.

Na visão de Kant (2020), enquanto nas repúblicas os cidadãos deliberam muito em começar uma guerra (como combater, custear as despesas com seu próprio patrimônio, reconstruir, dentre outras consequências). Nos Estados onde não há uma constituição republicana, a guerra torna mais simples, porque o chefe do Estado não vai sofrer as consequências (Kant, 2020).

Assim, pode-se inferir, da argumentação do autor, que democracias não entrariam em conflito com outras democracias, principalmente porque existe a participação e controle nas decisões.

Também defendeu Kant que a anarquia internacional poderia ser superada por meio de algum tipo de ação coletiva, como uma federação de Estados em que as soberanias permaneceriam intactas (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

Observa-se, ainda que de maneira incipiente, a importância que Kant estabelece para os organismos internacionais.

No século XIX, a partir das ideias racionais do Iluminismo, o liberalismo foi reformulado. Destaca-se a preferência pela democracia e pelo livre comércio, em desfavor da aristocracia e da autossuficiência econômica nacional, respectivamente (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

Nesse conceito reformulado, tem-se a ideia que a paz entre os Estados seria conseguida pelas relações entre eles e o compartilhamento de valores democráticos.

No século XX, observa-se a importância do liberalismo na constituição da “Liga das Nações”. Assim, a criação deste organismo representa a importância dada pelos liberais às instituições internacionais, com o objetivo de evitar a guerra e a oportunidade de solucionar os problemas de maneira coletiva (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

No final da Segunda Guerra Mundial, observou-se a necessidade da criação de um sistema para prevenir novos conflitos internacionais. Assim, em 1945 foi cria-

da a Organização das Nações Unidas (ONU), que procurou banir a guerra como meio de solução de controvérsias internacionais, principalmente por intermédio do sistema de segurança coletiva expresso no Conselho de Segurança da ONU (Carneiro, 2016). Demonstrando a continuidade da relevância das instituições no século XX, conforme preconizado pelos liberais.

No início dos anos 1980, surge a visão neoliberal das relações internacionais. Esse neoliberalismo diferencia das vertentes liberais tradicionais por ser essencialmente institucionalista, ou seja, o ponto central são as instituições internacionais (Silva, 2023).

Entre os autores neoliberais destacam-se Celeste A. Wallander e Robert O. Keohane (1999 *apud* Silva, 2023), que defendem que instituições auxiliam a resolver os problemas da segurança internacional. Na visão desses autores neoliberais, a inserção de países em uma instituição internacional possibilita deixar claras suas intenções com os outros a partir das relações entre si, o que diminui as incertezas que ocasionam tensões (Silva, 2023).

O neoliberalismo difere do liberalismo também pela substituição da cooperação complementar pela cooperação competitiva, o que faz com que as grandes potências hegemônicas permaneçam com seus interesses representados pelas instituições internacionais.

O fim da Guerra Fria sem uma quebra de paradigma, como aconteceu no final das grandes guerras mundiais, acabou por enfraquecer a ONU, como instituição internacional em defesa da paz, enfraquecendo sua concepção institucional-liberal (Silva, 2023).

Em resumo, todas as correntes liberais e neoliberais defendem que a cooperação é a forma de evitar a guerra, sendo possível as relações mútuas a partir de valores comuns e instituições internacionais, como a democracia, a Liga das Nações e a ONU.

Realizadas as contextualizações das teorias neorrealistas e neoliberais, a seguir será apresentado como cada uma dessas vertentes pode auxiliar em suas interpretações sobre o conflito da Crimeia, que culminou com a guerra Rússia-Ucrânia, em 2022.

2.3 EXPLICAÇÕES TEÓRICAS PARA A ORIGEM DA GUERRA RÚSSIA-UCRÂNIA

A origem da guerra Rússia-Ucrânia, iniciada no conflito da Crimeia, pode ser explicada tanto na vertente da Teoria do Neorrealismo, quanto na Teoria do Neoliberalismo.

Assim, a partir do arcabouço teórico apresentado, será analisado como essas correntes teóricas procuram explicar a situação com base em seus princípios.

Em que pese a análise histórica da relação Rússia-Ucrânia remeter a quase mil anos, o objetivo desta seção é exclusivamente pontuar como as duas teorias anteriormente apresentadas interpretam as principais causas da origem do conflito atual, levando em consideração, somente, a ótica das relações internacionais.

2.3.1 Neoliberalismo e a causa interna do conflito

Na concepção de relações internacionais da teoria do neoliberalismo, a propagação dos conceitos de democracia e o fortalecimento das instituições internacionais corroboram um mundo pacífico.

Desse modo, os liberais observam o aumento das conexões transnacionais e das organizações não governamentais é visto como algo positivo para manter a paz. Isso ocorre porque a interdependência econômica faria com que os países tendessem à paz. Assim, a integração da Rússia no capitalismo global seria uma forma de evitar conflitos (Waltz, 1998 *apud* Silva, 2023).

Também na visão neoliberalista, as causas da guerra não podem ser atribuídas à expansão da Organização do Tratado do Atlântico (OTAN), porque instituições fortalecem a perspectiva da paz.

Contudo, conforme o ensaio de Kant, “A paz perpétua”, existe a tendência dos Estados liberais serem simultaneamente propensos à paz em suas relações entre si e tendência à guerra em suas relações com Estados não liberais (Kant, 2020 *apud* Bugiato, 2023).

Nesse contexto, a causa do conflito pode ser atribuída à política interna da Rússia. A ideia central é que a Rússia é um Estado autocrático e a Ucrânia é um Estado democrático. Logo, a democracia ucraniana apresenta-se como uma ameaça para os russos (Mcfaul, 2014 *apud* Bugiato, 2023).

Assim, as origens do conflito estariam em análises domésticas da política da Rússia, que estão moldando as interações internacionais daquele país. Não sendo objeto este estudo discriminar essas causas internas.

2.3.2 Neorrealismo e o ocidente como causa do conflito

Conforme apresentado, podem-se observar diferentes pensamentos realistas (ou neorrealistas) nos estudos de relações internacionais (realismo clássico, neorrealismo defensivo e neorrealismo ofensivo). Serão analisadas as concepções do neorrealismo (defensivo e ofensivo) para o conflito na Ucrânia, por serem teorias mais atuais.

Os neorrealistas defensivos entendem que a expansão da OTAN futuramente levaria a guerras. Isso porque muitos países europeus, inclusive os situados na área de influência da Rússia, e asiáticos permitiram que os EUA expandissem sua presença militar para seus territórios, principalmente por intermédio da OTAN, esperando obter benefícios, na chamada “balança de poder” (Waltz, 1998 *apud* Silva, 2024).

Na concepção do neorrealismo ofensivo de Mearsheimer (2014 *apud* Campos, Lobo e Azevedo, 2023), a guerra se deve ao pacote triplo de políticas do Ocidente, composto pela expansão da OTAN, ampliação da União Europeia (premissa para futura expansão da OTAN e promoção de valores liberais em zonas de influência da Rússia).

Em conformidade com a teoria neorrealista, os Estados se associam a Organizações e Tratados com o objetivo de se beneficiar em relação a outros, que não participam da coalizão. Dessa forma, torna-se plausível compreender que a Rússia, a medida que não participa do tratado por não observar benefícios, começaria a questionar as ameaças da expansão da OTAN.

Desse modo, os neorrealistas atribuem a origem da crise na Ucrânia, como resultantes das ações expansionistas do Ocidente, principalmente dos EUA, que resultaram em atitudes defensivas da Rússia.

Apresentadas as visões das principais teorias de relações internacionais quanto as causas do conflito, a seguir será abordada a OTAN e suas ações que culminaram com o conflito da Crimeia.

3 ANÁLISE HISTÓRICA DA OTAN

Conforme apresentado no capítulo anterior, observam-se diferentes pensamentos no arcabouço das relações internacionais para interpretar a dinâmica do Sistema Internacional Moderno, sendo as Teorias do Liberalismo e do Neorrealismo as preponderantes nos estudos contemporâneos.

Após a revisão teórica dessas teorias será realizada a caracterização da OTAN, destacando sua atuação nos diferentes cenários, bem como a relação com as teorias de relações internacionais apresentadas.

Assim, será analisada evolução histórica da OTAN, desde sua criação até o período pós-guerra fria, que culminou com a crise da Crimeia.

3.1 ORIGEM DA OTAN E CONCEPÇÃO DE SEGURANÇA COLETIVA

Após a Segunda Guerra Mundial, a ordem internacional da situação de fragilidade das potências europeias, fez com que os EUA e a URSS passassem a ser as superpotências mundiais (Canêdo, 2006).

As disputas de dois modelos ideológicos, políticos e econômicos antagônicos, ficou conhecido como Guerra Fria. Nesse período, o mundo viveu períodos de aumento de armas nucleares e de tensões entre as duas superpotências mundiais (Costa, 2006).

Diante desse contexto, em que se tinha a expansão soviética na Europa e as potências europeias arrasadas pela guerra, a Organização do Tratado do Atlântico Norte foi criada, em 4 de abril de 1949 (NATO, 2024).

Em 24 de agosto do mesmo ano, entrou em vigor a aliança, após a ratificação dos países signatários. O documento original é composto por 14 artigos que descrevem os objetivos e o alcance da aliança no contexto da Guerra Fria (Barroso, 2006).

Em 1949, ano da criação, a OTAN teve a adesão de Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Grã-Bretanha e EUA. Em 1952, a Turquia e a Grécia aderiram a aliança. Em 1955, após indagações da França, a Alemanha Ocidental (então República Federal da Alemanha) aderiu ao tratado. Em 1982, a Espanha aderiu à aliança, no fim da Ditadura Franquista (Fernandes e Silveira, 2023).

A OTAN foi criada com o principal objetivo de assegurar a liberdade e a segurança de seus signatários, por intermédio de meios políticos e militares (Canêdo, 2006).

Assim, as potências europeias que estavam fragilizadas no pós-guerra, tinham um sistema de segurança coletiva, apoiado principalmente nos EUA.

A OTAN já na sua criação previu, simultaneamente, a possibilidade de acordos, sem dispensar o eventual uso da força, em conformidade com as necessidades da aliança.

A OTAN poderia estabelecer um conselho de defesa encarregado de supervisionar o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas dos países para resistir a um ataque armado e organizar os atores para que esta resistência fosse efetiva (Bertazzo, 2010). Esse conceito seria capaz de supervisionar e organizar as ações de resistência concreta.

Em que pese o texto de criação da aliança não fazer menção explícita à URSS, a OTAN uniu a Europa e os EUA em uma única aliança contra o comunismo (Barroso, 2006).

A Europa era desprotegida em virtude da sua localização geográfica em relação ao território soviético e, ao mesmo tempo, considerada a área de ação mais importante para os EUA (Barroso, 2006).

Em resposta à Aliança, em 14 de maio de 1955, a URSS em conjunto com outros Estados comunistas europeus, criou o Pacto de Varsóvia, pesando ainda mais a cisão do continente (Canêdo, 2006).

O Pacto de Varsóvia representou uma aliança da URSS com Albânia, Alemanha Oriental, Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia. Esta aliança representou a contradição da OTAN, seu principal objetivo (Costa, 2006).

A OTAN significava uma resposta à ameaça presente no sistema bipolar (EUA X URSS), principalmente aos interesses e ao conjunto de valores que subsidiavam o mundo ocidental.

A concretização de um organismo baseado no princípio de defesa coletiva, portanto, afirmava o compromisso americano com a segurança de seus aliados europeus, estabilizando o equilíbrio de poder na região (Barroso, 2006).

A luta entre os dois blocos adversários (capitalista X socialista) e seus arranjos militares (OTAN X Pacto de Varsóvia) focou no paradigma de segurança coletiva, forjado com o Conselho de Segurança da ONU (Costa, 2006).

O sistema de segurança coletiva está previsto na teoria do liberalismo de relações internacionais. A criação e a evolução do sistema de segurança coletiva refletem uma das maneiras pelas quais as grandes potências buscam suas condições hegemônicas (Costa, 2006).

A aliança estabeleceu a cooperação nas áreas de defesa e segurança, estabelecendo um compromisso de assistência mútua em caso de ataques a qualquer um de seus membros (Fernandes e Silveira, 2023).

No artigo 5º da OTAN, os membros da aliança concordam que, em caso de um ataque armado a um dos membros, os países signatários, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, prestarão assistência à parte ou partes atacadas (NATO, 2024).

Assim, agressão contra um membro da aliança deverá ser repelida por todos os Estados-membros, conforme previsto no artigo 5º de seu estatuto.

A Teoria do neorrealismo, a partir das modificações presenciadas na contextualização dos conceitos de segurança e defesa, ganhou destaque na concepção da balança de poder na Europa, a partir da criação da OTAN.

Por conseguinte, a aliança possibilitou limitar as ações da URSS na Europa Ocidental, na medida em que fortaleceu os signatários do acordo, que passaram a ter o apoio de uma potência global, os EUA.

Na época da assinatura da aliança, a estratégia dos países Europeus signatários estava mais alinhada à Teoria Neorrealista Defensiva, ou seja, garantir a sobrevivência frente a potência global no continente, a URSS.

Contudo, a partir da dissolução da URSS, em 1991, novas questões apresentaram-se e a aliança mudou sua estratégia, conforme será analisado a seguir.

3.2 OTAN DO PÓS-GUERRA FRIA ATÉ O CONFLITO DA CRIMEIA

A partir do fim da Guerra Fria muito se discutiu a respeito da função da OTAN, porque a aliança foi criada em razão de um inimigo comum, a URSS (Canêdo, 2006).

Então, tendo desaparecido o inimigo comum, a aliança não teria razões para continuar operante, em virtude dos signatários não terem motivos para se manterem no acordo militar (Canêdo, 2006).

Assim, esperava-se que a OTAN perdesse sua importância em decorrência da falta de interesse dos signatários. Algumas alianças podem continuar a existir como tratados, mas perdem sua eficácia geral na ausência de comprometimento dos seus membros, conforme ocorreu com o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Bertazzo, 2010).

Contudo, a situação culminou na mudança de postura da OTAN. Houve uma reconfiguração da aliança, em termos de incumbências e da expansão para novos membros, incluindo o leste europeu (Mingst e Arrenguín-Toft, 2014).

No fim da Guerra Fria, a nova ordem internacional apresentou os EUA como única potência hegemônica mundial. Diante do cenário de mudanças, a OTAN passou por uma série de transformações que representaram alterações em suas estratégias.

A aliança passou a ter um conjunto de normas e regras capazes de proporcionar a condução do sistema internacional, influenciando em seu equilíbrio e segurança, atuando em disputas entre Estados.

Em sua nova agenda, a OTAN passou a lidar com temas como a reunificação da Alemanha e sua reintegração às organizações internacionais; a relação dos membros da aliança com os Estados que integravam o Pacto de Varsóvia, assim como o relacionamento desses países com a própria Rússia e as nações que emergiram após a dissolução da ex-URSS (Canêdo, 2006).

Essa resposta ocorreu tanto por meios políticos, como militares, conforme previsto no documento de criação da aliança.

Assim, em 1991, a Aliança estabeleceu o novo Conceito Estratégico. Esse conceito focou na guarda da paz e da segurança, inclusive fora da Europa Ocidental.

Em dezembro do mesmo ano, foi estabelecido, no contexto da OTAN, o Conselho de Cooperação do Atlântico Norte, que em 1997 foi nomeado como Conselho de Associação Euro-Atlântica (Costa, 2006). Esse novo conceito buscava uma aproximação com os antigos adversários.

Em 1997, na perspectiva dessa nova agenda, foi assinado o acordo “OTAN X Rússia”, que tinha o objetivo de construir um relacionamento de colaboração em segurança entre a Rússia e o bloco militar (Fernandes e Silveira, 2024).

Assim, no período posterior a Guerra Fria houve uma expansão da OTAN, principalmente para o Leste Europeu, mais precisamente os Estados Bálticos (Estô-

nia, Letônia e Lituânia), que representou a entrada da aliança na área de influência da ex-URSS.

Em 1999, passaram a fazer parte da aliança, a República Tcheca, Hungria e Polônia (NATO, 2024). Em 2004, o processo de expansão teve continuidade, a partir da adesão de sete novos países à Aliança: Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. Em 2009, passaram a fazer parte da OTAN a Albânia e a Croácia.

Em continuidade ao processo de expansão de novos aliados, a OTAN também adotou a estratégia de acordos com outros países. Foram estabelecidos mais de 20 (vinte) parceiros, no âmbito do programa Parceria para a Paz (PfP – *Partnership for Peace*), como por exemplos: Armênia, Áustria, Azerbaijão, Bielo-Rússia, Croácia, Finlândia, Geórgia, Irlanda, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Suécia, Suíça, Tadjiquistão, Macedônia, Turcomenistão, Ucrânia e Usbequistão (Costa, 2006).

A entrada de novos membros e os acordos da OTAN com países da Europa central, do leste, da antiga URSS, bem como o acordo com a própria Rússia, puderam garantir a segurança de países menores, além de estender a zona europeia para o leste, ao desenvolver democracias e economias de mercado (Canêdo, 2006).

Contudo, essa expansão também representava uma ameaça para a Rússia, porque o processo de expansão da OTAN comprometeria suas zonas de interesse.

Nesse período, além das alianças formadas, a OTAN realizou operações militares. A partir destas intervenções, a aliança expandiu seu foco de interesse além da Europa, passando a atuar na África, Oriente Médio e Ásia.

Em 1991, a OTAN, que passou todo o período da Guerra Fria sem se envolver diretamente em conflito, teve participação, ainda que secundária, na Guerra do Golfo (Costa, 2006).

Entre 1992 e 1996, a OTAN interveio, sob mandado do Conselho de Segurança da ONU, no conflito na Bósnia-Herzegovina, enviando a Força de Aplicação da Paz (IFOR – *Intervention Force*) e, posteriormente, a Força de Estabilização (SFOR – *Stabilization Force*). Essa foi a primeira operação da aliança fora do território de um Estado signatário da aliança (Costa, 2006).

Nos conflitos nos Bálcãs, a aliança interveio, apesar de não haver membros envolvidos. Em tal situação, a OTAN declarou que a instabilidade na Europa Central

poderia afetar seus países-membros e, além disso, impôs um embargo aéreo sobre a ex-Iugoslávia (Bertazzo, 2010).

Em 2001, a partir dos ataques aos EUA em 11 de Setembro, a OTAN passou a enfrentar o terrorismo internacional. Nesse ataque, foi invocado pela primeira vez o artigo 5º do Tratado Constitutivo, que estabelece que um ataque a qualquer um de seus membros é considerado uma agressão contra todos os membros, o que constitui o núcleo do princípio de Segurança Coletiva, neste caso, dentro de um arranjo regional (Costa, 2006).

Em maio de 2004, a OTAN assumiu funções em Cabul, no Afeganistão. Essa foi a primeira ação efetiva fora da área euro-atlântica. Em junho do mesmo ano, aceitou participar do treinamento dos militares que compõem o novo governo iraquiano após a guerra dos EUA e aliados com o país (Costa, 2006).

A participação da OTAN nesses conflitos, com ou sem a anuência da ONU, representou uma maior independência da aliança em relação a outros países e organismos internacionais, bem como o seu fortalecimento.

A Teoria Neorrealista Ofensiva está presente na proposta da OTAN nesse período. A aliança procurou construir uma estrutura que tinha o objetivo de se consolidar no sistema internacional, fixando seus valores e processos.

As ações do período podem ser caracterizadas como do Neorrealismo Ofensivo porque a aliança realizou ações militares nas situações que ameaçaram à estabilidade de seus membros. Essas ações foram realizadas em países não pertencentes à aliança e independente de autorização da ONU.

Apesar da estratégia da OTAN para as novas demandas, em 2014, iniciou o conflito da Crimeia, que culminou com a guerra Rússia-Ucrânia, em 2022. Essa guerra resultou em uma nova dinâmica geopolítica do sistema internacional.

Diante desse cenário de mudanças, no próximo capítulo serão analisadas as transformações ocorridas na OTAN.

4 TRANSFORMAÇÕES NA OTAN PÓS-CRISE DA CRIMEIA

Conforme apresentado no capítulo anterior, a OTAN no período pós-Guerra Fria adotou um conjunto de estratégias com o objetivo de se consolidar no sistema internacional, fixando seus valores e processos.

Contudo, no ano de 2014, o conflito da Crimeia, representou um cenário de mudanças no sistema internacional.

Nesse sentido, o presente capítulo pretende examinar as transformações ocorridas na OTAN, no período pós-2014.

4.1 NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA OTAN DE 2022

A OTAN necessitou passar por processo de redefinição de seu Conceito Estratégico para se adequar o novo cenário geopolítico, que surgiu a partir da Crise da Crimeia.

Nos momentos de mudanças no sistema internacional, a OTAN, ao longo da história, teve a capacidade de se adaptar aos novos cenários geopolíticos, como ocorreu no fim da Guerra Fria.

Em 2020, foi apresentado o relatório “*NATO 2030: United for a New Era*”, que pretendia lançar as bases para o novo Conceito Estratégico que seria lançado em 2022 (NATO, 2020).

O Relatório 2030 identificou três prioridades para alcançar seus objetivos. Primeiro, a necessidade da estratégia da OTAN de enfrenar os novos desafios geopolíticos, com o ressurgimento de grandes potências (NATO, 2020). Essa estratégia faz referência a Rússia e está diretamente relacionada à Crise da Crimeia.

Uma segunda prioridade está relacionada ao esforço da OTAN em fortalecer a coesão política, reduzindo as divergências entre os membros da aliança. As divergências seriam perigosas porque permitiriam a outros países, como a Rússia e a China, explorar as diferenças da OTAN e ter vantagens sobre os países individuais de forma a pôr em perigo os interesses coletivos (Daehnhardt, 2021).

A terceira prioridade é determinar as importâncias estratégicas da OTAN para a próxima década. Durante a Guerra Fria, a contenção da União Soviética era a prioridade estratégica máxima. No período anterior à 2014 (pré-crise da Crimeia), as ameaças eram predominantemente transnacionais, originadas principalmente de ataques terroristas. Após a anexação da Crimeia, o revisionismo estratégico da Rússia se consolidou, e a competição entre as grandes potências passou a definir as considerações estratégicas da OTAN, com a defesa coletiva e territorial voltando a ganhar destaque (Daehnhardt, 2021).

Os Conceitos Estratégicos definem as tarefas e os princípios fundamentais da OTAN, considerando seus valores, o ambiente de segurança em constante evolução e os objetivos estratégicos da Aliança para a próxima década (NATO, 2022).

Na Cúpula de Madri, em junho de 2022, a OTAN aprovou um novo Conceito Estratégico, que descreve o ambiente de segurança enfrentado pela Aliança e identifica as principais tarefas da OTAN: dissuasão e defesa; prevenção e gestão de crises; e segurança cooperativa (NATO, 2022).

Tal estratégia não descarta a possibilidade de um ataque da Rússia contra um membro da aliança. Assim, a Rússia é vista como o principal desafio e perigo para a segurança dos países aliados, representando uma ameaça à paz global e à estabilidade na região euro-atlântica (NATO, 2022).

Essa estratégia reconhece que a OTAN é essencial para a segurança euro-atlântica, posicionando a aliança como capaz de garantir a paz, liberdade e prosperidade no mundo (NATO, 2022).

Por conseguinte, verifica-se que a OTAN se coloca como essencial para defender a segurança, valores e modo de vida democrático. Esse fato representa uma visão neorrealista ofensiva, conforme observará nas ações adotadas pela aliança para manter sua hegemonia no sistema internacional.

4.2 EXPANSÃO DA OTAN PARA FRONTEIRAS COM A RÚSSIA

Em continuidade ao processo de expansão da OTAN, houve a adesão a aliança de Montenegro e da Macedônia do Norte, nos anos de 2017 e 2020, respectivamente (NATO, 2024).

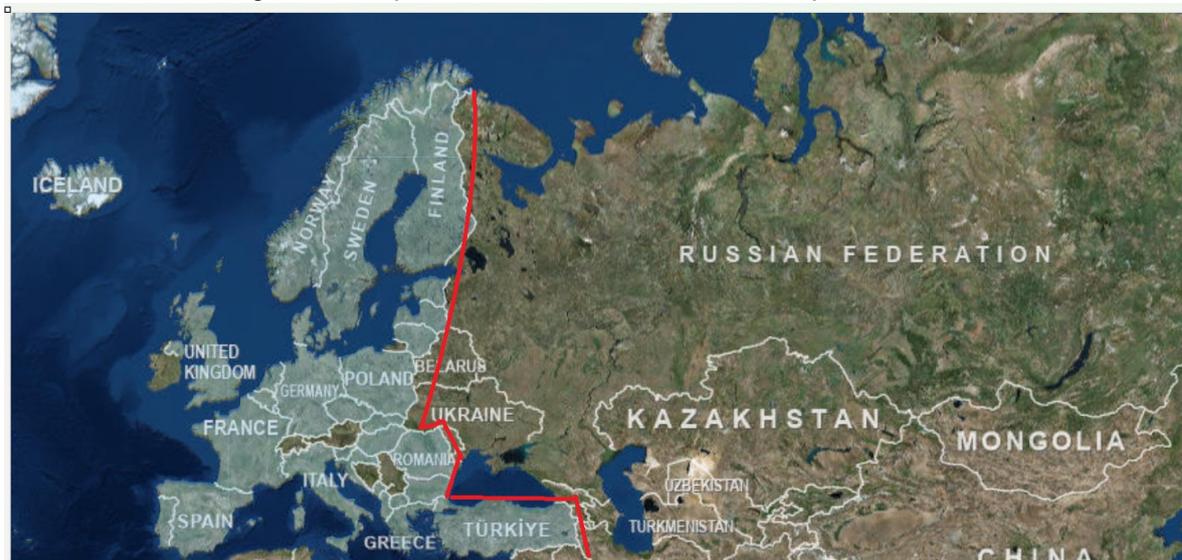
Contudo, foi a entrada da Finlândia e da Suécia, em 2023 e 2024, respectivamente, que representou a expansão da aliança para as fronteiras da Rússia e aumento considerável da capacidade militar da aliança (terrestre, marítima e aérea).

A adesão desses dois países nórdicos reforçou a postura de defesa e dissuasão da Aliança no norte da Europa. A reversão da política de décadas de neutralidade da Finlândia e a da Suécia, a partir de entrada na OTAN, possibilita a colocação de armas nucleares ou de uma base permanente da aliança em solo sueco ou finlandês, próximo a Rússia (Gaspar, 2024).

De acordo com a figura 1, no período posterior à crise da Crimeia, houve a continuidade da expansão da OTAN para as fronteiras da Rússia, principalmente

com a entrada da Finlândia na aliança. Essa expansão representou a criação de um “cinturão” de proteção da Europa contra a Rússia.

Figura 1 – Mapa dos membros da OTAN na Europa



Fonte: Adaptada pelo autor, a partir de dados de NATO (2024).

Disponível em: <https://www.nato.int/nato-on-the-map/#lat=59.263641&lon=25.963633&zoom=-1&layer=1>.

Acesso em 27 de julho de 2024.

A adesão da Finlândia representa a ampliação da presença da aliança na fronteira com a Rússia. Antes da entrada da Finlândia, a Rússia possuía 1.215 km de fronteiras com os membros da OTAN, principalmente no enclave de Kaliningrado. A adesão da Finlândia duplicou esse valor, acrescentando cerca de 1.300 km de fronteira compartilhada e posicionando as tropas da aliança a menos de 200 km de São Petersburgo (Fernandes e Silveira, 2023).

Em relação à Suécia, esse país possui uma Marinha de Guerra com capacidade de aumentar as defesas da OTAN no Mar Báltico, além de ter conhecimentos técnicos para construção de caças, que exporta para países ao redor do mundo, como o Brasil (Fernandes e Silveira, 2023).

Em continuidade ao processo de expansão, a OTAN está em análise para a entrada de novos membros, principalmente de países que estão na área de influência com a Rússia.

Nesse sentido, em julho de 2023 foi criado o Conselho OTAN-Ucrânia, que estuda a entrada da Ucrânia na aliança. No citado conselho foi decidido que a Ucrânia integrará a OTAN quando todos os aliados concordarem e as exigências para integrar a aliança forem cumpridas (Gaspar, 2024).

Contudo não existe consenso entre os membros da aliança quanto a adesão da Ucrânia, principalmente pelo fato de a país está em guerra (Gaspar, 2024).

Conforme prevê o artigo 10 do estatuto da OTAN, qualquer país europeu pode fazer parte da OTAN. Os membros podem, desde que tenha unanimidade, convidar para participar da aliança um Estado europeu capaz de contribuir com o desenvolvimento dos princípios da aliança e que contribuam com a segurança do Atlântico Norte (NATO, 2024).

Assim, a participação de novos países europeus na aliança somente depende do interesse comum dos membros, sem necessidade de grandes ajustes do país interessado na adesão. Essa situação demonstra que a expansão da OTAN não tem restrições regulamentares.

Adicionada a expansão para a fronteira com a Rússia, a OTAN aumentou a presença militar. Esse fator representou a criação de uma barreira de proteção para o Ocidente.

Na Cúpula de Varsóvia, os membros da OTAN ratificaram o reforço da presença da aliança no flanco oriental, enviando quatro batalhões multinacionais para as Repúblicas Bálticas e para a Polônia, por meio de bases rotativas (NATO, 2017 *apud* Piamolini, 2019).

Essas decisões políticas resultaram em um maior grau de polarização na Europa Oriental, já que o aumento da presença da OTAN provocou uma contrarresposta por parte da Rússia, que instalou mísseis *Iskander-M* no enclave russo de Kaliningrado (Piamolini, 2019).

Em 24 de março de 2022, durante uma cúpula extraordinária, os líderes da OTAN concordaram em deslocar quatro batalhões para a Bulgária, Hungria, Romênia e Eslováquia, além dos quatro já presentes na Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia (NATO, 2024).

Corroborando a nova estratégia, a OTAN intensificou seus exercícios militares em face do novo ambiente no sistema internacional. Após a anexação da Crimeia pela Rússia, o número de exercícios realizados teve o foco em cenários de defesa coletiva (NATO, 2022).

Em 2024, a OTAN realizou o maior exercício militar desde a Guerra Fria, o “*Steadfast Defender 2024*”, que durou 4 meses, envolveu 90.000 pessoas, mais de 50 navios, mais de 80 aeronaves e 1.100 veículos de combate de todos os 32 membros da aliança (NATO, 2024).

O exercício demonstrou a capacidade da OTAN de reforçar a Europa continental através do movimento transatlântico de forças da América do Norte e do Reino Unido (NATO, 2024).

Assim, no exercício a OTAN apresentou competência para movimentar tropas e equipamentos em grande quantidade e velocidade para defender um possível ataque, principalmente da Rússia.

No “*Steadfast Defender 2024*” foram realizados exercícios na Noruega e na Polônia, com o “*Nordic Response*” e o “*Dragon 24*”, respectivamente (NATO, 2024).

Essas atividades militares demonstram a intensificação de tropas da OTAN nas áreas de influência da Rússia, o que corrobora com a Teoria do Neorrealismo Ofensivo.

4.3 AUMENTO DOS GASTOS MILITARES

Inicialmente, devem ser observadas as dificuldades para analisar os gastos militares como indicadores da comparação da capacidade militar de países. Fatores como eficiência dos gastos, peculiaridades de cada país, expansão dos gastos ao longo do tempo, podem enviesar a análise (Silva Filho e Moraes, 2012).

Contudo, em que pese essas dificuldades serem difíceis de sanar em um estudo comparativo, os problemas metodológicos podem ser mitigados quando são realizados com as seguintes cautelas: i) os países são analisados individualmente; ii) os gastos de defesa são analisados em conjunto com os gastos de defesa em relação ao PIB; e iii) se consideram tanto os gastos agregados quanto a sua composição (Silva Filho e Moraes, 2012).

Assim, serão seguidos estes critérios para a elaboração do presente estudo comparativo, sendo descartado, somente, a composição dos gastos, em virtude do estudo envolver um número elevado de países.

Em relação aos gastos da OTAN, devido à característica de ser uma aliança político-militar, grande parte das forças e recursos militares permanecem sob o comando e o controle de cada Estado até serem designados para missões específicas da OTAN (Costa, 2006). Nesse sentido, os gastos da OTAN serão contabilizados somando os investimentos individuais dos países-membros.

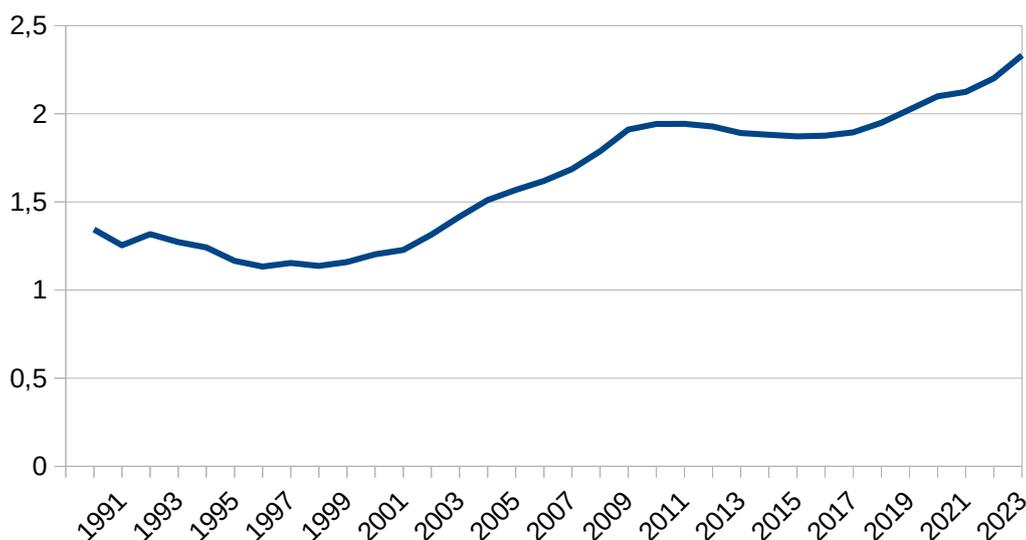
Nos anos 1990, o fim da Guerra Fria representou a possibilidade de uma paz duradoura entre as maiores potências mundiais e, por conseguinte, na redução dos

gastos militares, principalmente nos países desenvolvidos e na Rússia (Silva Filho e Moraes, 2012).

Na década seguinte, em decorrência dos ataques terroristas aos EUA e de novos conflitos regionais, houve uma tendência de pequeno aumento dos gastos militares (Silva Filho e Moraes, 2012).

A tendência dos gastos militares no mundo pode ser observada no gráfico 1. Observa-se que a tendência de redução dos anos 1990 à 2000, em que as despesas passaram de US\$ 1,34 para US\$ 1,20 trilhões. Na primeira década do século XXI, houve uma tendência de elevação dos gastos, passando de US\$ 1,22 em 2001 para 1,94 trilhões em 2010. Após um período de estabilidade nos dispêndios militares (2011 à 2017), as despesas retornaram a elevar, chegando ao patamar de US\$ 2,33 trilhões em 2023.

Gráfico 1 – Gastos militares no mundo – 1990-2023
(Em US\$ trilhões de 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

A elevação dos gastos militares na última década foi impulsionada pelas maiores economias do mundo. A tabela 1, descreve os gastos militares das 11 maiores economias do mundo no ano de 2022, segundo a classificação do Fundo Monetário Internacional (2022, *apud* Campos, 2023).

Tabela 1 – Comparação dos gastos militares das 11 maiores economias do mundo em 2022, nos anos de 2014 e 2023 (Em US\$ bilhões de 2022)

Posição	País	Gastos Militares		Variação %
		2014	2023	
1	EUA	801	880	9,90%
2	China	194	309	59,84%
3	Japão	40	52	30,70%
4	Alemanha	41	61	48,05%
5	Reino Unido	61	69	14,02%
6	Índia	58	83	43,54%
7	França	47	57	21,03%
8	Canadá	18	27	48,65%
9	Itália	25	33	31,14%
10	Brasil	24	21	-11,70%
11	Rússia	80	126	57,15%
XXX	Resto do Mundo	492	612	24,47%
	Total	1.881	2.332	23,98%

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Observa-se que as grandes economias elevaram seus gastos militares, sendo a única exceção o Brasil.

A situação do Brasil ser o único país, entre as principais economias globais, que reduziu seus investimentos militares nos últimos dez anos, revela um desalinhamento em relação a nova atuação internacional. Enquanto outras nações têm aumentado seus gastos em defesa por preocupação com a insegurança no sistema internacional, o Brasil está seguindo na contramão, optando por reduzir seus gastos. Este cenário pode representar um aumento do distanciamento militar do país em relação as potências globais em um momento de intensificação dos desafios e constantes ameaças no cenário internacional.

Nessa dinâmica da última década de elevação dos gastos militares, os membros da OTAN têm o compromisso de Investimento em Defesa, a fim de fornecer toda a gama de capacidades necessárias (NATO, 2024). Esse compromisso representa o investimento em defesa de um percentual superior a 2% do Produto Interno Bruto (PIB).

Assim, observa-se a necessidade dos membros da aliança em manter níveis de gastos em patamar mínimo. Contudo, nem sempre essa meta era cumprida.

A tabela 2 a seguir, apresenta os países da OTAN que atingiram a meta estipulada pela aliança no ano de 2023, comparando com o ano de 2014.

Tabela 2 – OTAN - Comparação dos gastos militares acima de 2% do PIB, nos anos de 2014 e 2023

País	Percentual do PIB investido em Defesa	
	2014	2023
Polônia	1,92%	3,83%
EUA	3,68%	3,36%
Grécia	2,35%	3,23%
Estônia	1,93%	2,87%
Lituânia	0,88%	2,72%
Finlândia	1,45%	2,42%
Letônia	0,94%	2,27%
Reino Unido	2,18%	2,26%
Hungria	0,86%	2,13%
França	1,86%	2,06%
Eslováquia	0,98%	2,02%

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Obs A Islândia não tem um exército/militar permanente e, portanto, não tem despesas militares.

Observa-se na tabela que, no ano de 2014, somente três países cumpriram o objetivo de investimento em defesa da OTAN. Já no ano de 2023, o quantitativo de países com investimentos em defesa em proporção do PIB passou para onze membros.

Destacam-se a Estônia, a Lituânia e a Letônia, que dobraram o percentual de gastos militares em relação ao PIB. Esses Países Bálticos faziam parte da extinta URSS e, por conseguinte, estão na antiga zona de influência da Rússia.

Conforme se observa na tabela 3, a elevação dos gastos da OTAN está refletindo na participação mundial.

Face às maiores economias das Américas e da Europa pertencerem a OTAN, no ano de 2023, o aumento dos gastos em defesa da aliança representou 54,97% dos gastos militares no mundo, conforme se observa na Tabela 3 a seguir.

Esse fato demonstra a elevação dos investimentos em defesa da aliança, decorrente da crise das mudanças no cenário internacional.

Tabela 3 – OTAN – Participação nos gastos militares do mundo no ano de 2023
(Em US\$ bilhões de 2022)

País	Gasto Militar	Percentual dos Gastos em Relação ao Mundo
OTAN	1281,82	54,97%
China	309,48	13,27%
Rússia	126,47	5,42%
Índia	83,33	3,57%
Arábia Saudita	73,98	3,17%
Ucrânia	62,08	2,66%
Japão	51,89	2,23%
Coreia do Sul	46,90	2,01%
Austrália	31,97	1,37%
Israel	28,96	1,24%
Brasil	21,18	0,91%
Resto do Mundo	213,74	9,17%
Total	2331,80	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Obs: A Islândia não tem um exército/militar permanente e, portanto, não tem despesas militares.

Assim, a OTAN no período pós-2014 passou por um conjunto de transformações, que refletiram a contrarreação das ações da Rússia na Ucrânia.

Em 2022, a aliança aprovou um novo Conceito Estratégico, estabelecendo como principais tarefas a dissuasão e defesa; a prevenção e gestão de crises; e a segurança cooperativa. Nesse conceito, a Rússia aparece como uma ameaça significativa e direta à segurança, sendo a OTAN indispensável para a segurança, capaz de garantir a paz, liberdade e prosperidade no Sistema Internacional Moderno.

Houve continuidade da expansão da aliança para a área de influência da Rússia, estabelecendo um "cinturão" de proteção da Europa contra aquele país. Essa expansão foi acompanhada pelo aumento de unidades militares nessas áreas e pela intensificação de exercícios militares.

Por fim, teve um aumento dos gastos em defesa, com a aliança representando mais da metade dos gastos em defesa no mundo. Esse aumento de gastos foi acompanhado pelas maiores economias do Mundo, com exceção do Brasil.

5 CONCLUSÃO

No fim da Guerra Fria, acreditava-se que os conflitos envolvendo as potências do planeta estariam superados.

A partir de 1990, principalmente com a dissolução da URSS, houve uma reconfiguração da OTAN, que procurou construir uma estrutura que tinha o objetivo de se consolidar no sistema internacional.

A OTAN passou a adentrar na área de influência da Rússia, com a adesão dos países do Leste Europeu na aliança. A entrada da OTAN na zona de influência da Rússia alterou a “balança de poder”.

As ações da OTAN no período pós-Guerra Fria ainda incluíram o uso da força nas situações em que observou a ameaça da estabilidade de seus membros, independente de onde estivesse ocorrendo o fato ou da carência de autorização da ONU. Essas ações podem ser caracterizadas como do Neorrealismo Ofensivo.

Contudo, a Crise da Crimeia, no ano de 2014, vem provocando um cenário de mudanças no Sistema Internacional Moderno. Esse fato pode ter representado um possível ponto de inflexão nas relações internacionais.

Em relação a crise da Crimeia, os neorrealistas defensivos e ofensivos atribuem a origem do conflito como resultante das ações expansionistas do Ocidente, principalmente dos EUA e da Europa, por intermédio da OTAN, no período pós-Guerra Fria.

Diante desse cenário de mudanças, houve uma contrarreação da OTAN com as seguintes ações:

a) Em 2022, a aliança aprovou um novo Conceito Estratégico, diante de um ambiente de insegurança no sistema internacional. Assim, foram estabelecidas as principais tarefas da aliança: dissuasão e defesa; prevenção e gestão de crises; e segurança cooperativa;

b) Continuidade da expansão da OTAN para a área de influência da Rússia, estabelecendo um “cinturão” de proteção da Europa contra aquele país; e

c) Aumento dos gastos em defesa dos membros da OTAN. No ano de 2023, investimentos em defesa em proporção do PIB atingiu a meta de 2% para 11 membros. Assim, a aliança representa mais da metade (54%) dos gastos em defesa no mundo.

Em relação aos gastos militares, foi observado que se trata de uma tendência mundial. Na última década (2014-2023), quando analisadas as onze maiores economias mundias, verifica-se que somente o Brasil reduziu os gastos militares.

Assim, a elevação dos gastos militares na última década foi impulsionada pelas maiores economias do mundo, representando um novo cenário armamentista no Sistema Internacional Moderno.

A situação do Brasil ser o único país, entre as maiores economias do mundo, que reduziu os gastos militares na última década, demonstra o descompasso com a nova tendência mundial.

Importante ressaltar que diversos fatores contribuem para influenciar mudanças no Sistema Internacional Moderno, como crises regionais e econômicas. No entanto, o objetivo deste trabalho foi analisar especificamente a influência da Crise da Crimeia na OTAN.

Portanto, os resultados deste estudo não podem ser generalizados indiscriminadamente, uma vez que a análise foi focada exclusivamente na OTAN.

Espera-se que os pontos abordados neste trabalho possam servir como base para futuras discussões sobre a dinâmica do Sistema Internacional Moderno, visando seu aprimoramento.

Desta forma, trabalhos futuros podem se concentrar na análise de outras variáveis que exercem influência sobre o Sistema Internacional Moderno, podendo inclusive ser estudada a influência do Brasil, isoladamente ou em conjunto com outras Organizações e países, em virtude do país ser um ator importante nas relações internacionais, principalmente na América do Sul.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Juliana Lyra Viggiano. **Segurança e uso da força no contexto da OTAN pós-Guerra Fria**. Revista de Sociologia e Política. Número 27, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/N6f4zsjC54HkQJB3sqJfJjG>. Acesso em: 31 maio 2024.
- BERTAZZO, Juliana. **Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU**. Contexto Internacional. Volume 32, número 1, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/LTqqMy7wXKhdVdcdHCJt7CS>. Acesso em: 31 maio 2024.
- BUGIATO, Caio. **A Guerra na Ucrânia sob a ótica das teorias de Relações Internacionais: discussão sobre causas e caráter da guerra**. Revista Continentes. Ano 11, n. 22, 2023. Disponível em: <http://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/458>. Acesso em: 02 abril 2024.
- CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional: provocações, aspectos históricos e os interesses do complexo industrial militar Norte-Americano**. Revista Continentes (UFRRJ), ano 11, n. 22, 2023. Disponível em: <https://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/457>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- CAMPOS, Fred L. Siqueira; LOBO, Iuri Endo; AZEVEDO, Beatriz M. de. **O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa. Volume 5, n. 2, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/aleno/Downloads/75035-Texto%20do%20Artigo-1566-311495-10-20190901.pdf>. Acesso em: 31 maio 2024.
- CANÊDO, Sílvia Helena Guilherme. **OTAN: evolução histórica**. Conjuntura Internacional. Ano 3, número 12, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/7321/6364>. Acesso em: 01 abril 2024.
- CARNEIRO, Wellington Pereira. 2016. **A relevância do surgimento da ONU para as Relações Internacionais**. Revista Contribuições, Desafios e Perspectivas. Editora da Universidade Federal de Roraima. 2006. Disponível em: file:///C:/Users/aleno/Downloads/A_Relevancia_do_Surgimento_da_ONU-1.pdf. Acesso em: 06 jul. 2024.
- COSTA, Rogério Santos da. **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): Histórico, Características, Objetivos, Funcionamento e Influência na Área de Segurança Coletiva**. Revista de Relações Internacionais do Mundo Atual. 2006. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/235>. Acesso em: 06 jul. 2024.
- DAEHNHARDT, Patrícia. Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) 2030: United for a New Era. In: SEABRA, Pedro. **Documentos estratégicos de segurança e defesa**. Instituto de Defesa Nacional, número 44, 2021. p. 63-74.
- FERNANDES, Alessandro e SILVEIRA, Marcos César Borges. Expansão da OTAN

pós fim da URSS: Impactos para a segurança Russa e Geopolítica Global. Boletim do Tempo Presente. Número 6, volume 12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/19482>. Acesso em: 31 maio 2024.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL, 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/en/home>. Acesso em: 27 jul. 2024.

GASPAR, Carlos. **A NATO num Contexto de Competição Geopolítica**. Instituto de Defesa Nacional. 2024. Disponível em: <https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/idnbrief/Documents/2024/IDN%20brief%20abril%202024.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HERZ, J. H. **Idealist internationalism and the security dilemma**. World Politics, 2, p 157-180. 1950.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

KANT, Immanuel. **A Paz Perpétua**. Editora Vozes: São Paulo, 30 de março de 2020.

LOUREIRO, Felipe. **A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas**. Revista Brasileira de Relações Internacionais. 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/27/a-guerra-na-ucrania-significados-e-perspectivas>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics**. Nova Iorque: Norton & Company, 2001

MINGST, Karen A. e ARRENGUÍN-TOFT, Ivan M. **Princípios de Relações Internacionais**. Tradução da 6ª edição. Elsevier, 2014.

MORGENTHAU, Hans. **A Política entre as nações**. Brasília, Ed. da UnB/IPRI. 2003.

MOREIRA, Felipe Kern. **O realismo atávico de John J. Mearsheimer: breve ensaio teórico**. Caderno do CIM. Vol. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CIM/article/view/10893>. Acesso em: 30 maio 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION (NATO). Nato Handbook. 2024. Disponível em: https://www.nato.int/nato-welcome/index_pt.html. Acesso em: 6 jul. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION (NATO). Strategic Concept. 2022. Disponível em: https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2022/6/pdf/290622-strategic-concept.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

PIAMOLINI, Alexandre. **A adesão da Polônia na Otan em 1999 e a crescente militarização após a cúpula de Varsóvia de 2016**. Brazilian Journal of Development. Curitiba, volume 5, número 7, julho, 2019. Disponível em: https://www.enabed2018.abedef.org/resources/anais/8/1535576545_ARQUIVO_Artigopara-XENABED2018-Atualizado.pdf. Acesso em: 25 jul 2024.

SILVA, Flávio Couto e. **Guerra na Ucrânia: Comparação entre possíveis interpretações de correntes neorrealistas e neoliberais das Relações Internacionais**. Primeiros Estudos. Revista de Graduação em Ciências Sociais, Vol. 10, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/issue/view/12445>. Acesso em: 14 maio 2024.

SILVA FILHO, Edison Benedito da; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **Dos “dividendos da paz” à guerra contra o terror: gastos militares mundiais nas duas décadas após o fim da guerra fria – 1991-2009**. Texto para Discussão 1744. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Brasília. 2012. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1156/1/TD_1754.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

SIPRI. **Stockholm International Peace Research Institute**. 2024. Disponível em: <https://milex.sipri.org/sipri>. Acessado em: 24 jul. 2024.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. Illinois: Columbia University, 1979.

WALT, Stephen M.. **International Relations: One World, Many Theories**. Foreign Policy, 110, Special Edition: Frontiers of Knowledge. Spring, pp. 29-46. 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – OTAN – Comparação dos gastos militares em relação ao PIB, nos anos de 2014 e 2023

País	Percentual do PIB investido em Defesa	
	2014	2023
Polônia	1,92%	3,83%
EUA	3,68%	3,36%
Grécia	2,35%	3,23%
Estônia	1,93%	2,87%
Lituânia	0,88%	2,72%
Finlândia	1,45%	2,42%
Letônia	0,94%	2,27%
Reino Unido	2,18%	2,26%
Hungria	0,86%	2,13%
França	1,86%	2,06%
Eslováquia	0,98%	2,02%
Dinamarca	1,15%	1,95%
Bulgária	1,31%	1,85%
Croácia	1,82%	1,78%
Albânia	1,35%	1,74%
Macedônia do Norte	1,09%	1,70%
Montenegro	1,47%	1,63%
Romênia	1,35%	1,61%
Noruega	1,46%	1,61%
Itália	1,28%	1,61%
Holanda	1,16%	1,53%
República Checa	0,97%	1,52%
Alemanha	1,15%	1,52%
Portugal	1,31%	1,52%
Espanha	1,25%	1,51%
Turquia	1,87%	1,50%
Suécia	1,13%	1,47%
Eslovênia	0,97%	1,34%
Canadá	0,99%	1,29%
Bélgica	0,97%	1,21%
Luxemburgo	0,37%	0,75%
Finlândia	0,00%	0,00%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Obs: A Islândia não tem um exército/militar permanente e, portanto, não tem despesas militares.

APÊNDICE B – OTAN – Gastos militares em 2023
(Em US\$ bilhões de 2022)

Número	País	Gasto Militar em 2023
1	EUA	880,07
2	Reino Unido	69,15
3	Alemanha	61,19
4	França	57,12
5	Itália	32,63
6	Canadá	27,26
7	Polônia	26,78
8	Espanha	22,29
9	Holanda	15,56
10	Turquia	14,74
11	Noruega	9,01
12	Suécia	8,62
13	Dinamarca	7,62
14	Bélgica	7,25
15	Grécia	7,23
16	Finlândia	6,85
17	Romênia	4,94
18	República Checa	4,33
19	Portugal	3,90
20	Hungria	3,88
21	Eslováquia	2,34
22	Lituânia	1,92
23	Bulgária	1,72
24	Croácia	1,29
25	Estônia	1,05
26	Letônia	0,93
27	Eslovênia	0,82
28	Luxemburgo	0,63
29	Albânia	0,34
30	Macedônia do Norte	0,24
31	Montenegro	0,10
32	Islândia	0,00
XXX	Total da OTAN	1281,82

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Obs: A Islândia não tem um exército/militar permanente e, portanto, não tem despesas militares.

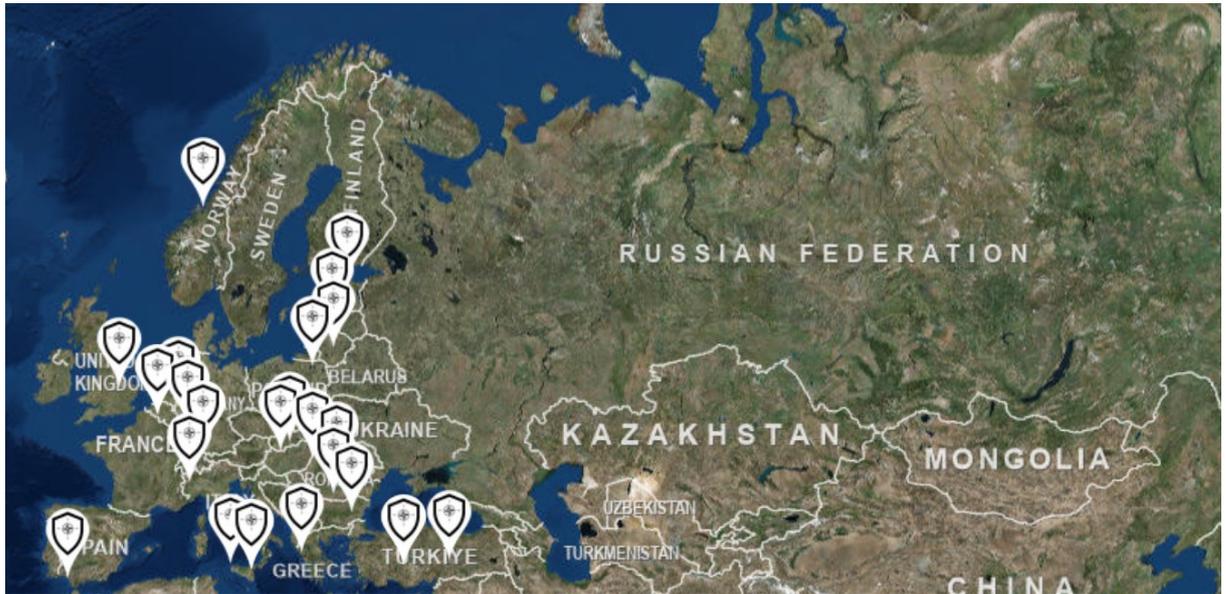
APÊNDICE C – OTAN – Gastos militares em 2023
(Em US\$ bilhões a preços correntes e taxas de câmbio)

Número	País	Gasto Militar em 2023
1	EUA	916,01
2	Reino Unido	74,94
3	Alemanha	66,83
4	França	61,30
5	Itália	35,53
6	Polônia	31,65
7	Canadá	27,22
8	Espanha	23,70
9	Holanda	16,62
10	Turquia	15,83
11	Noruega	8,75
12	Suécia	8,67
13	Dinamarca	8,14
14	Grécia	7,73
15	Bélgica	7,63
16	Finlândia	7,35
17	Romênia	5,61
18	República Checa	5,06
19	Hungria	4,36
20	Portugal	4,22
21	Eslováquia	2,66
22	Lituânia	2,16
23	Bulgária	1,92
24	Croácia	1,44
25	Estônia	1,19
26	Letônia	1,05
27	Eslovênia	0,91
28	Luxemburgo	0,66
29	Albânia	0,40
30	Macedônia do Norte	0,27
31	Montenegro	0,11
32	Islândia	0,00
XXX	Total da OTAN	1349,92

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados de SIPRI (2024).

Obs: A Islândia não tem um exército/militar permanente e, portanto, não tem despesas militares.

ANEXO – Localização das unidades militares da OTAN na Europa



Fonte: NATO, 2024.

Disponível em:

<https://www.nato.int/nato-on-the-map/#lat=59.263641&lon=25.963633&zoom=-1&layer-5>

Acesso em 27 de julho de 2024.